

REFLEXOS DAS MUDANÇAS SOCIAIS NAS NARRATIVAS ORAIS

REFLEX OF SOCIAL CHANGES IN ORAL NARRATIVES

Valdir Vegini
vvegini@gmail.com
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Rebecca Louize Vegini
rebeccaamor@gmail.com

RESUMO: O trabalho pretende realizar um cotejamento entre duas narrativas que tratam de um mesmo mito, o da “cobra grande do poço preto do lago do Cuniã”, produzidas num espaço intervalar de dezesseis anos, ou seja, a primeira em 1993 e a segunda em 2009, e demonstrar que, apesar do curto período de tempo que as separa, a última narrativa, por conta do acelerado processo de mudanças sociais vivido pelos moradores das cercanias desse lago, já contém vestígios de adaptação à nova realidade social e ambiental. Como resultado do cotejamento parece ter ficado evidente que a) o material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; b) uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época; c) a mudança social tem seus reflexos mais evidentes na narrativa produzida em 2009”; a dinâmica da transformação do comportamento das personagens resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais no segundo relato examinado.

Palavras-Chave: Tradição oral. Etnicidade Amazônica. Narrativas orais. Mudanças sociais. Mitologia Amazônica.

ABSTRACT: The paper intends to conduct an examination between two narratives dealing with the same myth, the “big snake pit Black Lake Cuniã”, produced in an interval of sixteen years, ie, the first in 1993 and second in 2009, and demonstrate that despite the short time that separates them, the last narrative, due to the accelerated process of social changes experienced by residents in the vicinity of this lake, it contains traces of adaptation to new social and environmental reality. As a result it seems to have been evident that a) the material of myth is the stuff of our lives, our bodies, our environment, b) a living mythology, life, dealing with all this in terms that are more suited to nature of knowledge of the time, c) social change has its consequences more evident in the narrative produced in 2009. The dynamics of the transformation in characters’ behavior results from the changes of the bonds of intentional states in the second report examined.

Keywords: Oral Tradition. Amazonian Ethnicity. Oral Narratives. Social Changes. Amazonian Mythology.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e objetivo

Campbell (1997) apresenta em seu livro “As transformações do mito através do tempo” uma coleção de treze palestras, ministradas quase no final de sua vida, que examinam o vasto campo do desenvolvimento da mitologia em todo mundo e em todas as épocas. Para os fins a que se destina este artigo, destacamos o primeiro parágrafo do primeiro capítulo: “*O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma*

mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época” (CAMPBELL, 1997, p. 7). Com esses dizeres, o autor insere na temática mitológica a questão espaço-e-tempo e, por conseguinte, também a questão social vivida por seus formuladores. O amálgama dinâmico desses três componentes, a vida, o corpo e o ambiente, forma o material que vai se refletir nas narrativas de cunho mítico. A esse respeito, Ferreira Netto (2008, p. 73) afirma: “[...] *a mudança social tem seu reflexo nas narrativas produzidas*” e, “*caso não passem por esse processo de adaptação à nova realidade, perderão completamente a credibilidade e serão transformadas em formas folclóricas, caso se mantenham existindo.*”

A partir dessas informações é que se traçou o objetivo deste artigo: cotejar duas narrativas que tratam de um mesmo mito, o da “cobra grande do poço preto do lago do Cuniã”, produzidas num espaço intervalar de dezesseis anos, ou seja, a primeira em 1993 e a segunda em 2009, e demonstrar que, apesar do curto período de tempo que as separa, a última narrativa, por conta do acelerado processo de mudanças sociais vivido pelos moradores das cercanias desse lago, já contém vestígios de adaptação à nova realidade social e ambiental.

1.2 Fundamentos teóricos

Ferreira Netto (2008, p. 73-83), citando Bruner (1991), MacLuhan (1979) e Reis (1998) faz um estudo de alguns contos consagrados e as motivações que desencadearam suas transformações ou adequações. Essa análise parece-nos altamente adequada para nortear o cotejamento a que nos propomos fazer entre as duas narrativas mencionadas acima. Para o desenvolvimento de sua reflexão, o autor divide o trabalho em duas seções, a saber: a) A adequação dos modelos comportamentais exemplares; b) A substituição dos meios de comunicação. Essa subdivisão e seus desdobramentos teóricos parecem altamente adequados para nortear o cotejamento a que nos propomos fazer.

1.2.1 A adequação dos modelos comportamentais exemplares

Segundo Ferreira Netto, dentre as diferentes possibilidades de adequação dos modelos comportamentais exemplares, pode-se mencionar as histórias especialmente referidas por Malinowski (1988) e publicados nos anos vinte do século passado, quando propôs sua tripartição em contos, lendas e mitos. Na medida em que narrativas apresentam suas

personagens como representações simbólicas do ambiente social, sua manipulação permite o estabelecimento de modelos comportamentais a partir dos quais os membros da sociedade podem avaliar seu próprio comportamento e verificar o alinhamento entre eles. Citando Bruner (1991), Ferreira Netto (2008) observa que a dinâmica da transformação do comportamento das personagens resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais. Assim, afirma o autor, qualquer que seja a natureza das personagens atuantes numa história exemplar, suas ações estão sempre voltadas para um propósito comum entre os membros da sociedade. O sucesso ou o insucesso das ações das personagens associam-se a suas consequências emocionais tais como frustração, raiva, desejo, alegria etc. E conclui: “*Ainda que não estejam claramente manifestas, elas podem ser previstas e, virtualmente, experimentadas.*” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 73)

1.2.2 Influência dos meios de comunicação

Com base na proposição de McLuhan (1979) de que os meios de comunicação podem amalgamar-se formando recursos cada vez mais complexos, e na de Bruner (1991) em relação ao pensamento narrativo, Ferreira Netto (2008) classifica a mídia em dois níveis: baixo (especialmente as características materiais da transmissão como as ondas sonoras, eletromagnéticas, o papel, o lápis, a tipografia a documentação magnética etc.) e alto (as características compostas por diversas camadas de significação como os gêneros textuais, as personagens das narrativas, os recursos estilísticos etc.). Esses meios, segundo o autor, permitem uma gama muito grande de níveis intermediários, mas, em todos eles, o procedimento para a mudança das narrativas tem o mesmo princípio da formação em camadas, cujas novas características decorrem do acréscimo ou da supressão de características do nível sobre o qual se construiu o novo meio.

Para exemplificar, Ferreira Netto (2008) cita a narrativa grega “Bóreas e o Sol”, compilada por Esopo, e a narrativa taulipang “Onça e Chuva”, compilada por Koch-Grünberg ([1953] 1916). Na de Esopo, Bóreas (o vento) e o Sol disputam entre si suas forças tentando despir um homem. O vento só faz o homem agarrar-se ainda mais às suas roupas; o Sol produziu ação contrária. Na de Koch-Grünberg, a onça ronca forte para assustar, mas o que consegue é receber flechadas dos homens; a chuva, ao contrário, com facilidade faz com que as pessoas voltem para a maloca. Entre ambas há adequações diversas, mas não há mudanças nos vínculos de estados intencionais, o que garante a identificação das narrativas. Por outro

lado, enquanto a personificação desses elementos é comum em várias narrativas indígenas, não é a forma concomitante como se apresenta no texto de Koch-Grünberg. Ferreira Netto (2008) cita o esquema de Bruner para tentar esclarecer a questão. Segundo esse autor, a “verdade” narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade. Assim, uma narrativa, mais do que referir a “realidade”, ela pode criá-la da mesma forma que a “ficção” cria um “mundo” para si própria. No caso particular dos taulipang, afirma Ferreira Netto (2008, p. 81),

há que se pensar em qual contexto mítico, divino ou religioso seria possível localizar a narrativa tal como foi proposta. A introdução de um novo traço, a concomitância de estados intencionais e particularidades tão diferentes como a chuva e a onça possibilita o estabelecimento de novas interpretações dos próprios fenômenos meteorológicos.

1.2.2.1 A mudança tecnológica e os novos papéis sociais

Para discutir esse tema, Ferreira Netto (2008) faz referência ao trabalho de Reis (1998), que analisa o impacto do surgimento da televisão na cidade de São João de Pirabas, no Pará, no ano 1996. Na descrição da cidade, o autor enfatiza as relações sociais mantidas pelo contato interpessoal entre os seus habitantes. Segundo ele, no início da noite os moradores jovens da cidade participavam de uma atividade externa a que chamam de movimento na qual todos podem se encontrar. A presença da televisão, entretanto, promoveu uma mudança na rotina daquela população mantendo jovens e adultos dentro de casa para não perder a novela. Com isso, a atividade externa do movimento diminuiu significativamente. Mais de que uma mudança de hábito, o acesso constante à nova informação promoveu na cidade a reavaliação dos papéis sociais disponíveis para os seus cidadãos. Assim, por exemplo, uma moça optou pelo ofício de empregada doméstica em Belém interessada na possibilidade de mudança para uma grande cidade; um rapaz optou por uma carreira fora da cidade onde nascera já que, segundo ele, sua educação escolar não compatibilizava mais com a de um pescador; outra moça salientou que iria se vestir a semelhança das personagens da novela porque não queria mais se “vestir como um bicho-do-mato”.

Segundo Reis (1998), a mudança nos padrões de avaliação que verificou na cidade de São João de Pirabas teve origem na presença dos aparelhos de televisão cuja programação deu-lhes acesso a novos paradigmas comportamentais. A mudança, portanto, decorreu da possibilidade de acesso a uma rede de significações que suprimia a idealização dos

comportamentos locais e acrescentava a idealização de outros comportamentos praticados em centros urbanos muito mais densamente povoados. O fato da mudança de paradigmas ter sido motivada pela inserção tecnológica de origem externa à sociedade pirabaense confirma o que MacLuhan (1979) previra: o meio pode atuar como transformador de papéis sociais que, por sua vez, atuam como formas exemplares de comportamento.

2. METODOLOGIA

2.1. Contextualização e formação do corpus de análise

Em 2009, em trabalho de campo com os moradores das cercanias do lago do Cuniã (interior do município de Porto Velho), os autores deste artigo gravaram relatos de diversos matizes com mais de uma dezena de informantes voluntários. Para os fins a que se destina este artigo, foi escolhido o texto narrado por João da Silva, 50 anos, de origem nordestina, nativo da “Reserva Extrativista do Lago do Cuniã”, que trata do “*mito da cobra grande do poço preto do lago do Cuniã*” (q.v. o item 3.2¹). Este ano, chegou-nos às mãos uma versão do mesmo mito inserida no livro de Caldas (2001, p. 39-45), resultante de uma entrevista realizada por esse autor em 1993 com Francisco de Paula, o Chico Paula, “*morador do lago do Cuniã, com idade aproximada de 70 anos, de origem nordestina, parente dos moura², ex-seringalista, ex-garimpeiro, pescador e caçador panemado*” (CALDAS, 2001, p. 39) (q.v. item 3.1). São esses dois relatos o objeto de cotejamento e análise deste artigo.

3. O CORPUS DE ANÁLISE

3.1. A cobra do poço preto segundo Chico Paula (narrativa registrada em 1993)³

Aqui no fundo do lago tem Encante também. Lá no fundo d'água eles fazem festa... dançam. Um cara me falou que ali em cima... uma vez... tava deitado e ouviu os cabras tocando: “TAREM! ... TAREM!”. Eles estavam cantando no fundo d'água ... defronte do Poço Preto .. pró lado onde mora um velho chamado João Roque ... de noite os cabras tavam tocando e cantando no meio do lago. Ele disse que foi espirar e não
--

¹ Artigo científico referente a essa narrativa foi apresentado pelos autores deste artigo no congresso da ABRALIN (“ABRALIN EM CENA-RONDÔNIA”) realizado em Porto Velho entre os dias 16 a 18 de setembro de 2010 sob o título “Tradição oral no contexto amazônico: a lenda da cobra do Cuniã”. (q.v. referências)

² Povo indígena que habitava a região lacustre do Cuniã.

³ Texto transposto *ipsis litteris*.

viu ninguém ... só pode ser o Encante que tem aí. A cidade encantada no fundo do lago deve ser a coisa mais linda do mundo.... um encanto mesmo. Já diziam os antigos que é a coisa mais linda. As pessoas são encantadas ... elas viram qualquer coisa ... qualquer coisa o encantado vira... um Boto ... uma cobra ... qualquer bicho ... qualquer coisa mesmo. Mas não e sabe porque se encantaram não. [...]. Aqui no lago tem também uma cobra num lugar chamado Poço Preto ... que é encantada ... dizem que é um dos Moura que se encantou ali ... mas se ela fosse uma cobra braba o primeiro que tinha passado na barriga dela era eu. Ela vive aí mas nunca mexeu com ninguém. Já vi uma vez boiando ... eu mais o João Prata ... nós vimos a cabeça dela boiando lá onde é o poço ... ela é grande ... a cabeça dela é mais ou menos assim do tamanho desses meus dois braços abertos ... grande mesmo. Nós íamos pegar tucunaré lá do outro lado ... eu olhei e tava aquele troço boiando lá no meio do lago. Eu disse: “Olha João ... a cobra tá boiando ali”. “Cadê?”. “Olha a tronqueira acolá!”. “É nada rapaz!”. Eu disse: “É sim!”. Bom ... eu olhei e já não tava mais.... “Eu digo que era ela! Agora atravessa o lago que eu quero ver!”. Nós arruemos lá pelo barreiro e de lá varamos pró lado das bandas do Ernesto e viemos por esse lado. Não viemos por lá de jeito nenhum. E era ela. Um dia um sujeito passou de avião ... ela estava de meia água ... então ele baixou o avião prá ver direito. Ele disse que é uma coisa grande ... dizem que é uma cobra sem feitio ... ela não vai sair daí não .. vai ficar aí todo o tempo ... é a dona daqui do lago. Aqui nesse Cuniã ninguém nunca vai prá diante ... acho que a Cobra Grande não quer. Eu sei é que nada dá certo. Não sei quantos comerciantes já vi nesse Cuniã desde quando eu me entendo de gente e nunca nenhum deles foi prá frente. Ele vai prá frente e dá prá trás ... e dá prá trás que às vezes fica de nada. O dono desse lugar aí eu conheci ele com uma loja e uma taberna. Tinha de tudo. Comprou uns gados de minha mãe ... botou por aí ... e o gado dele aumentava ... aumentava ... quando chegava naquele instante o bicho morria ... ficava naquele tatinho que era. A taberna foi dando e ele arrumou um seringal ... tinha muito freguês cortando seringa ... pegando muita borracha ... muita sova ... e tinha o comércio dele .. aí foi dando prá trás ... foi dando prá trás ... ficou sem nada ... sem nada ... nada ... nada ... acabou-se a loja do homem ... e o gado não passou de cinco cabeças ... tinha vinte cabeça de rês e morria ... morria e ficava naquele tantinho que era e afinal ele foi embora daqui. Vendeu o lugar e foi embora porque não tava dando dinheiro ... mas ele era trabalhador ... só não trabalhava de noite porque de noite não se enxerga senão. [...] Não sei se é verdade ... mas no mundo existe muita coisa.

3.2. A cobra do poço preto segundo João da Silva (narrativa registrada em 2009 pelos autores deste artigo)

A índia Cuniã, rapaz, eu não sei bem direito essa história, não me... rrsr. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, que é a dona do Cuniã. Botaram o nome de Cuniã porque ela é..., o nome dela é Cuniã. Então, tudo o que o Cuniã aqui projeta nada dá certo. Só que aí esse Cuniã vem de muitos anos e os projetos que a gente faz não dá em nada. É ela quem manda. A gente nasceu aqui, a gente se criou aqui, a gente convive aqui muitos anos. Aí tem tempo que a gente vai tão bem, mas daí os negócios dão pra trás, né! Conheci meu pai trabalhando com patrão, gente que mexia com trabalho de solva (*sic*), castanha, borracha, papaíba, pirarucu, um peixe que existe aqui, muitos outros tipos de peixe, jacaré, que não era proibido. Aí a gente vai fazendo, vai vivendo uma produção boa, né! Aí tem tempo, pronto, aquele negócio volta pra trás de novo, né! A gente fica perdido de novo. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, que eu conheci, né! A gente vivia aqui dentro pescando, mas sempre tinha moradô que tavam em riba da lei, né! Em riba do otro. Aí... passô uns tempos e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô de não te, né! Sempre aquela briga todo tempo, até hoje. Diz que existe uma cobra lá naquela ponta, lá em cima, no poço preto, exatamente. Então, como meu avô, falecido meu avô, pouco tempo, mas eu ainda alcancei ele ainda vivo, ainda vi ele, tem uns dez anos hoje, ele dizia pra essa minha mãe, hoje saí, pro rio, pra pescá, ele dizia, hoje a cobra comeu os pirarucu, não tem, eu vim mimbora. E no outro dia, tava fervilhando de pirarucu no lago. A cobra tinha escondido, aí ela soltava os pirarucu, tanto que diz que tem um mistério aqui dentro desse Cuniã. Você faz projetos e projetos e vira e mexe e no fim não dá certo. É ela que é dona. Falam que era uma índia, né! Então botaram índia Cuniã, como é, lago do Cuniã. Essa índia se encantô, se transformô numa cobra. Então vi de primeiro, vi o pessoal falá que viu ela, né! Viu o remoço dela, né! Nunca que eu vi não, mas tinha gente que viu. Via o... é, mexia a água, via um vulto, alta horas da noite, boiava dentro d'água, botô gente ainda pra ... pra sair em terra, pra correr. E lá é um pedaço, na época de seca, que fica o lago baxo, de um metro, mais de um metro e meio lá não topa! É uma fundura... solta uma linha com peso vai, vai, vai, vai até e não alcança, o chão. Eu sô, eu sô moradô muitos anos aqui, eu não ando assim, altas horas da noite. Já andei muitas camba porque eu, tem época, agora,

hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o IBAMA, ele é que é o dono daqui, né! É uma reserva, então hoje existe uma lei, então nós cumpre aquela lei, como da pesca, nós temo tempo que pesca, outro não. Pesca um peixe outro não, né, pra protegê, pra... aí... porque vai acabá. Ah, os moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem outros tipo de animau, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os outros animauzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaiivota, tudo come peixe. Isso ninguém se mete na conta. Esse é o... e aí vem o biguá, que esse não tem ... quantia esse não tem quem conte. Só no computador talvez chegue lá no passarau...e pra controlá ele... dá milhões e milhões de animau. Aí dá o que, uma faixa entre, calculadamente vinte tonelada por almoço e vinte na janta, quantas toneladas de peixe não sai durante um dia. Tem 20 anos, perai, em 68 foi a última matação de jacaré dentro do Cuniã, 68, foi, foi a proibição. Não, até agora não tem ainda liberação. Ah, é! Tem aquele projeto ainda do jacaré. Mas isso aí vai sê um controlo, em manejo, né, pra mata os jacaré. É, aí vai tê, é pra equilíbrio. Isso aí vai tê em quantia. Eu não sei nem falá em quanto a gente vai matá, por etapa, se é por manejo, é assim bom. Óia, nessas água aí, eu cansei de sair com meus colegas, da minha idade, nós se ajuntava domingo, nós ia pulá lá do olho daquele pau n'água. Aquilo era um... ficava até nove horas, dez horas. Hoje ninguém pode mais fazê isso.

4. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS PARA COTEJAMENTO

O MITO DA COBRA GRANDE DO POÇO PRETO DO LAGO DO CUNIÃ	
Versão de Chico Paula (1993)	Versão de João da Silva (2009)
Cidade submersa	
[...]. A cidade encantada no fundo do lago deve ser a coisa mais linda do mundo.... um encanto mesmo. Já diziam os antigos que é a coisa mais linda. As pessoas são encantadas ... elas viram qualquer coisa ... qualquer coisa o encantado vira... um Boto ... uma cobra ... qualquer bicho ... qualquer coisa mesmo. Mas não e sabe porque se encantaram não. [...].	Ø ⁴
Origem	
[...] dizem que é um dos Moura que se encantou ali ... [...].	[...]Falam que era uma índia, né! Então botaram índia Cuniã, como é, lago do Cuniã. [...].
Nome	
Ø	[...]. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, [...]. Botaram o nome de Cuniã porque ela é..., o nome dela é Cuniã.[...].
Tamanho	
[...] ... Ela é grande ... a cabeça dela é mais ou menos assim do tamanho desses meus dois braços abertos.... grande mesmo. [...]. Um dia um sujeito passou de avião ... ela estava de maí água ... então ele baixou o avião pra ver direito. Ele disse que é uma coisa grande... [...].	Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, [...].
Forma	
[...] ... dizem que é uma cobra sem feito... [...].	Ø
Encantamento	
[...] Aqui no lago tem também uma cobra num lugar chamado Poço Preto ... que é encantada... dizem que é um dos moura que se encantou ali.	[...], tanto que diz que tem um mistério aqui dentro desse Cuniã. [...]. Essa índia se encantô, se transformô numa cobra. [...].

⁴ Vazio de informação.

[...].	
Poder	
[...]... ela não vai sair daí não vai ficar aí todo o tempo... é a dona daqui do lago. [...].	[...] . Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, que á dona do Cuniã. [...]. É ela que é dona. [...].
Personalidade	
[...] ... mas se ela fosse uma cobra braba o primeiro que tinha passado na barriga dela era eu. Ela vive aí mas nunca mexeu com ninguém. [...].	[...] , botô gente ainda pra ... pra sair em terra, pra correr. [...].
Localização	
[...] . Aqui no lago tem também uma cobra num lugar chamado Poço Preto ... [...].	[...] . Diz que existe uma cobra lá naquela ponta, lá em cima, no poço preto, exatamente. [...]. Falam que tem uma cobra grande aqui no Cuniã, [...]. E lá é um pedaço, na época de seca, que fica o lago baxo, de um metro, mais de um metro e meio lá não topa! É uma fundura... solta uma linha com peso vai, vai, vai, vai até e não alcança, o chão. [...].
Comprovações	
[...] . Já vi uma vez boiando ... eu mais o João Prata ... nós vimos a cabeça dela boiando lá onde é o poço ... Nós íamos pegar tucunaré lá do outro lado ... eu olhei e tava aquele troção boiando lá no meio do lago. Eu disse: “Olha João ... a cobra tá boiando ali”. “Cadê?”. “Olha a tronqueira acolá!”. “É nada rapaz!”. Eu disse: “É sim!”. Bom ... eu olhei e já não tava mais.... “Eu digo que era ela! Agora atravessa o lago que eu quero ver!”. Nós arrudeamos lá pelo barreiro e de lá varamos pró lado das bandas do Ernesto e viemos por esse lado. Não viemos por lá de jeito nenhum. E era ela. [...]. Um dia um sujeito passou de avião ... ela estava de meia água ... então ele baixou o avião prá ver direito. Ele disse que é uma coisa grande ... [...]. Não sei se é verdade... mas no mundo existe muita coisa. [...].	[...] . Então vi de primeiro, vi o pessoau falá que viu ela, né! Viu o remoço dela, né! Nunca que eu vi não, mas tinha gente que viu. Via o... é, mexia a água, via um vulto, alta horas da noite, boiava dentro d’água, [...].E lá é um pedaço, na época de seca, que fica o lago baxo, de um metro, mais de um metro e meio lá não topa! É uma fundura... sóuta uma linha com peso vai, vai, vai, vai até e não alcança, o chão. [...].
Maldição da cobra	
[...] . Aqui nesse Cuniã ninguém nunca vai pra diante... acho que a Cobra Grande não quer. Eu sei é que nada dá certo. Não sei quantos comerciantes já nesse Cuniã desde quando eu me entendo de gente e nunca nenhum deles foi prá frente. Ele vai prá frente e Ele vai prá frente e dá prá trás ... e dá prá trás que às vezes fica de nada. O dono desse lugar aí eu conheci ele com uma loja e uma taberna. Tinha de tudo. Comprou uns gados de minha mãe ... botou por aí ... e o gado dele aumentava ... aumentava ... quando chegava naquele instante o bicho morria ... ficava naquele tatinho que era. A taberna foi dando e ele arrumou um seringal ... tinha muito freguêis cortando seringa ... pegando muita borracha ... muita sova ... e tinha o comércio dele .. aí foi dando prá trás ... foi dando prá trás ... ficou sem nada ... sem nada ... nada ... nada ... acabou-se a loja do homem ... e o gado não passou de cinco cabeças ... tinha vinte cabeça de rês e morria ... morria e ficava naquele tantinho que era e afinal ele foi embora daqui. Vendeu o lugar e foi embora porque não tava dando dinheiro ... mas	[...] . Então, tudo o que o Cuniã aqui projeta nada dá certo. Só que aí esse Cuniã vem de muitos anos e os projetos que a gente faz não dá em nada. É ela quem manda. A gente nasceu aqui, a gente se criou aqui, a gente convive aqui muitos anos. Aí tem tempo que a gente vai tão bem, mas daí os negócios dão pra trás, né! Conheci meu pai trabalhando com patrão, gente que mexia com trabalho de sôuva (<i>sic</i>), castanha, borracha, papaíba, pirarucu, um peixe que existe aqui, muitos otros tipos de peixe, jacaré, que não era proibido. Aí a gente vai fazendo, vai vivendo uma produção boa, ne! Aí tem tempo, pronto, aquele negócio volta pra trás de novo, né! A gente fica perdido de novo. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. [...]. Então, como meu avô, falecido meu avô, poco tempo, mas eu ainda alcancei ele ainda vivo, ainda vi ele, tem uns dez anos hoje, ele dizia pra essa minha mãe, hoje saí, pro rio, pra pescá, ele dizia, hoje a cobra comeu os pirarucu, não tem, eu vim mimbora. E no otro dia, tava fervilhando de pirarucu no lago. A cobra tinha escondido, aí ela soutava os pirarucu, tanto que diz que tem um mistério aqui

ele era trabalhador ... só não trabalhava de noite porque de noite não se enxerga-se não. [...].	dentro desse Cuniã. [...].Você faz projetos e projetos e vira e mexe e no fim não dá certo. [...].
Consciência política	
∅	[...]. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, que eu conheci, né! A gente vivia aqui dentro pescando, mas sempre tinha moradô que tavam em riba da lei, né! Em riba do otro. Aí... passô uns tempos e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô de não te, né! Sempre aquela briga todo tempo, até hoje. [...].
Consciência ecológica	
∅	[...]. Ah, os moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem os otros tipos de animais, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animalzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe. Isso ninguém se mete na conta. Esse é o... e aí vem o biguá, que esse não tem ... quantia esse não tem quem conte. Só no computador talvez chegue lá no passarau...e pra controlá ele... dá milhões e milhões de animau. Aí dá o que, uma faxa entre, calculadamente vinte tonelada por almoço e vinte na janta, quantas toneladas de peixe não sai durante um dia. Tem 20 anos, peraf, em 68 foi a última matação de jacaré dentro do Cuniã, 68, foi, foi a proibição. Não, até agora não tem ainda liberação. [...].
Denúncia de desequilíbrio ecológico	
∅	[...]. Eu sô, eu sô morador muitos anos aqui, eu não ando assim, altas horas da noite. Já andei muitas camba porque eu, [...], porque vai acabá. Ah, os moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem os otros tipos de animais, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animalzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe. Isso ninguém se mete na conta. Esse é o... e aí vem o biguá, que esse não tem ... quantia esse não tem quem conte. Só no computadô talvez chegue lá no passarau...e pra controlá ele... dá milhões e milhões de animau. Aí dá o que, uma faxa entre, calculadamente vinte tonelada por almoço e vinte na janta, quantas toneladas de peixe não sai durante um dia. Tem 20 anos, peraf, em 68 foi a última matação de jacaré dentro do Cuniã, 68, foi, foi a proibição. Não, até agora não tem ainda liberação.[...]. Óia, nessas água aí, eu cansei de sair com meus colegas, da minha idade, nós se ajuntava domingo, nós ia pulá lá do olho daquele pau n'água. Aquilo era um... ficava até nove horas, dez horas. Hoje ninguém pode mais

	fazê isso. [...].
Personificação (ou desencantamento)	
∅	[...] tem época, agora, hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o Ibama, ele é que é o dono daqui, né! É uma reserva, então hoje existe uma lei, então nois cumpre aquela lei, como da pesca, nós temo tempo que pesca, otro não. Pesca um peixe otro não, né, pra protegê, pra... aí... [...].

5. ANÁLISE

Cotejando os dados acima apresentados, observa-se que a espinha dorsal do mito da “cobra grande do poço preto do lago do Cuniã” permanece inalterada em ambos os relatos, mesmo passados dezesseis anos. Assim, tanto a versão de 1993, quanto a de 2009 falam da mesma origem do mito, do tamanho da cobra em igual proporção, do encantamento que lhe deu origem, do mesmo local de habitação; ambas apresentam provas semelhantes de sua existência e falam da mesma maldição que paira sobre o lago.

Uma observação mais acurada, porém, permite perceber algumas diferenças significativas entre as duas narrativas. A primeira delas se refere ao caráter da cobra. Assim, na versão de 1993, o ofídio é descrito como inofensivo; na de 2009, ele “bota gente pra correr”. Outra diferença importante entre os relatos são ao que chamamos de vazios informativos. A versão de 2009, por exemplo, nada diz a respeito da “cidade encantada e submersa no fundo do lago”; a de 1993, por outro lado, não menciona o nome da cobra e nada fala a respeito de política e de ecologia.

Há muitas motivações e outras tantas interpretações para essas constatações. O referencial teórico abordado acima, porém, nos inclina a considerá-las como frutos da dinâmica da vida, reflexos das mudanças sociais por que passa a comunidade do lago do Cuniã. Essa constatação parece estar em sintonia com o que dizem, respectivamente, Campbell (1997, p. 7) e Ferreira Netto (2008, p. 73)

O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época;

[...] a mudança social tem seu reflexo nas narrativas produzidas e, caso não passem por esse processo de adaptação à nova realidade, perderão completamente a credibilidade e serão transformadas em formas folclóricas, caso se mantenham existindo.

De fato, depois que os mura⁵ ou moura, como dizem alguns moradores do Cuniã, foram dominados (talvez dizimados) pelos “brancos” na histórica colonização da região amazônica ou miscigenados (COSTA, 1997) aos migrantes nordestinos e amazonenses ali aportados em busca da riqueza da borracha no final do século XIX e início do século XX (1º ciclo)⁶, os moradores dessa região lacustre, abandonados à própria sorte depois que o Brasil perdeu a primazia do monopólio da produção do látex, “vão levando a vida do jeito que dá”. Pouco adianta para essa sofrida população a sobrevivência que o produto do caucho proporcionou entre 1942 e 1945 (2º ciclo) durante a II Guerra Mundial (1939-1945). O pior, porém, estava ainda por vir conforme relata Costa (1997, p. 8 e 9):

Em 1981, a Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA [...] entra no Programa de Desenvolvimento Integrado do Noroeste do Brasil – POLONOROESTE. O objetivo era criar cinco unidades de conservação ambiental no Estado, a fim de minimizar o impacto ambiental causado pela implantação dos projetos de colonização. O que entra em jogo é, na verdade, a implantação de um novo modelo de preservação ambiental concebido por agências internacionais. [...]. O impacto ambiental causado pelos projetos de colonização foi de ação extremamente danosa ao meio ambiente, entretanto, a própria ação do governo exigia isto, pois somente obtinha o título da terra quem comprovadamente fizesse benfeitorias. O desmatamento é considerado "benfeitoria". Tardiamente, há uma preocupação de manter áreas de reserva. Entram em cena personagens que até então não tinham merecido a devida atenção do Governo: os índios, os seringueiros, os ribeirinhos, enfim, os chamados "povos da floresta". Desses grupos sociais, somente os ribeirinhos ficaram à margem das discussões a respeito do meio ambiente. A área de Cuniã estava inserida em um projeto de desenvolvimento governamental, que procurava formar no vale do Rio Madeira a jusante de Porto Velho, uma grande área de pastagem, objetivando a formação de uma bacia leiteira que abastecesse a capital do Estado. Esse é um projeto que o INCRA estará empenhado em desenvolver no início da década de 80, e a Gleba Cuniã seria loteada para fins pecuários.⁷

O programa da SEMA, como descreve Costa (1997, p. 9), não inclui a área do Cuniã, cujo destino ainda mais funesto já tinha sido traçado no ano anterior pelo INCRA: “*a Gleba Cuniã seria loteada para fins pecuários*” Essa decisão colocou em polvorosa os moradores do Cuniã. Além de outros enormes equívocos, “*o planejamento estatal resolveu que todos receberiam uma indenização e sairiam de Cuniã para que a natureza fosse salva*”. (COSTA, 1997, p. 9). Era o Estado tratando com maior respeito e condescendência os jacarés e as piranhas, ressalta o autor. A partir dessa decisão, começa um embate entre o INCRA e moradores do Cuniã. Muitos deles aceitam a indenização e deixam a região; outros, mais resistentes, resolvem ficar, fundam uma associação, a Associação dos Moradores de Cuniã - ASMOCUN - e encaminham sua luta politicamente. O desfecho feliz só vai ocorrer no final

⁵ Povo indígena que habitava a região lacustre do Cuniã.

⁶ Fato eternizado no mito da “moça jovem” que se torna “a cobra grande do poço preto” do lago do Cuniã.

⁷ Grifo nosso.

da década de 90, quase vinte anos depois da iniciativa desastrosa do IBAMA, por meio da promulgação do Decreto Federal Nº 3.238, de 10 de Novembro 1999 que cria a Reserva Extrativista do Lago do Cuniã.

DECRETO Nº 3.2328, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1999

Art. 1º Fica criada a Reserva Extrativista do Lago do Cuniã, com área aproximada de cinquenta e cinco mil, oitocentos e cinquenta hectares, no Município de Porto Velho, Estado de Rondônia, com o objetivo de garantir a exploração auto-sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pela população extrativista da área.⁸

Muito embora a narrativa produzida em 1993 tenha sido colhida treze anos depois da decisão do IBAMA, não se observam reflexos explícitos às verticais mudanças sociais ocorridas na comunidade dos ribeirinhos do lago do Cuniã por conta da decisão estatal. Seu relato repete as formas canônicas do mito da “cobra grande”:

um moura se encantou ali no poço preto”, “Ela é encantada... dizem que é um dos moura que se encantou ali.”, “ela é grande”, “é a dona daqui do lago”, “Já vi uma vez boiando... eu mais o João Prata... nós vimos a cabeça dela boiando lá onde é o poço”, “Aqui nesse Cuniã ninguém nunca vai pra diante... acho que a Cobra Grande não quer. Eu sei é que nada dá certo.

Impressões semelhantes também constam na narrativa de 2009. Diferente do relato produzido em 1993, o de 2009, porém, é todo politizado. Seu autor não cita explicitamente a decisão do Estado brasileiro ocorrida em 1980, mas seu discurso denunciatório e reivindicatório reflete as ações originadas a partir da criação da ASMOCUN, associação fundamental para a organização e permanência dos moradores nas cercanias do lago, que o Decreto Federal de 1999 consagrou:

Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo que a gente..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, que eu conheci, né! A gente vivia aqui dentro pescando, mas sempre tinha moradô que tavam em riba da lei, né! Em riba do otro. Aí... passô uns tempos e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô de não te, né! Sempre aquela briga todo tempo, até hoje.

Sintonizado com os novos tempos, com a presença de mídias em seu espaço vivencial (Rádio, TV, Celular, Internet), que lhe dão acesso a novos paradigmas comportamentais (MchLuhan, 1979), as redes de significações que suprimem idealizações comportamentais locais e acrescentam idealizações de outros procedimentos que atuam como formas

⁸ Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cunia/opdecret.htm>>. Acesso em: 6 set. 2011.

exemplares de agir (Ferreira Netto, 2008), o autor da narrativa de 2009 insere em seu relato a questão ecológica do seu entorno e a vê como problemática:

Ah, os morador vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muito grande aqui dentro de peixe, é, mas é uma mina monstra, porque eu acho que ela vai acabá, vai acabá porque nós tem jacaré, nós tem o biguá, que é um pássaro, e tem, não tem, um que conte ele... e tem e passarau, hoje. Tem os otros tipos de animais, e tem, fora o boto, a lontra e o homem! E fora os otros animalzinho pequeno como o socó, a garça, o manguari, o carará, a ariramba, tudo, a gaivota, tudo come peixe.

O autor da narrativa está consciente da importância do pensamento ou da ação política na produção de mudanças sociais, na melhoria da qualidade de vida da comunidade. Além disso, reflexo pontual das mudanças sociais por que passou e passa a comunidade dos ribeirinhos do lago do Cuniã, a “cobra grande” do lago do Cuniã toma nova configuração. Ela não perde seu *status* de “dona do lago”, mas deixa seu lado encantado e ofídico para se transformar num órgão estatal regulatório, um novo IBAMA, este, sim, em sintonia com os anseios da comunidade lacustre:

tem época, agora, hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o IBAMA, ele é que é o dono daqui, né!⁹ É uma reserva, então hoje existe uma lei, então nois cumpre aquela lei, como da pesca, nós temo tempo que pesca, otro não. Pesca um peixe otro não, né, pra protegê.

Como explicar a neutralidade político-ecológica do autor da narrativa de 1993? Infelizmente não é mais possível fazer-lhe essa pergunta. Todavia, alguns fatores podem, talvez, explicar a ausência de reflexos explícitos das mudanças sociais no seu relato. O primeiro deles, provavelmente o mais contundente, a concepção ortodoxa que ele tem de mito, uma narrativa que deve ser preservada tal como legada pelos antepassados. A época em que as decisões políticas ocorreram e a idade dos narradores podem também explicar as inserções no relato de 2009 em relação ao de 1993. No início da década de 80, o autor da primeira narrativa já contava com 57 anos de idade e, em 1999, ano da assinatura do decreto federal, com 70. Diferentemente disso, em 1980 o autor da segunda narrativa tinha 21 anos e em 1999, 40. É provável que o engajamento na luta para reverter a decisão governamental do início da década de 80 tenha sido mais intensa ao mais jovem. Além disso, as mudanças sociais na comunidade do Cuniã ocorreram de fato a partir da assinatura do Decreto quando o autor da primeira narrativa já se encaminhava para os 80 anos. Contrariamente a isso, coube ao autor da segunda narrativa, líder comunitário e no vigor de seus 40 anos, promover entre seus pares as mudanças que o decreto federal facultava.

⁹ Grifo nosso.

Do cotejamento entre duas narrativas míticas produzidas num espaço intervalar de dezesseis anos, ainda que um tempo extremamente reduzido para a ocorrência de reflexos em narrativas míticas, parece ter ficado evidente que:

- a) “O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente” (CAMPBELL, 1991);
- b) “Uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época”. (CAMPBELL, 1991)
- c) “A mudança social tem seu reflexo na narrativas produzida” (FERREIRA NETTO, 2008) pelo autor do segundo relato;
- d) “A dinâmica da transformação do comportamento das personagens resulta da mudança dos vínculos de estados intencionais” (BRUNER, 1991; FERREIRA NETTO, 2008) no segundo relato examinado.

6. REFERÊNCIAS

- BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, [S.l.], 8.1, p. 1-21, 1991.
- CALDAS, Alberto Lins. **Nas águas do texto: palavra, experiência e leitura em história oral**. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.
- COSTA, Josué. Mito e lugar – parte II. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**. Dez. – Nº 10, V. I, 1997.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.
- MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência e religião**. Lisboa, Edições 70, 1984.
- REIS, Raul. The impact of television viewing in the brazilian amazon. **Human organization**, [S.l.], v. 3, n. 57, p. 300-314, 1998.
- RESERVA EXTRATIVISTA DO LAGO DO CUNIÃ – DECRETO DE CRIAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cunia/opdecret.htm>>. Acesso em: 6 set. 2011.
- VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebecca Louize. **Tradição oral no contexto amazônico: a lenda da cobra do Cuniã**. Porto Velho/RO: ABRALIN EM CENA, Anais do congresso, 2010.